

## O discurso de liberdade e o gênero e a sexualidade na história do carnaval de Salvador

The discourse of freedom and gender and sexuality in the history of the carnival in Salvador

**Manuela Azevedo Carvalho**

Mestre Multidisciplinar de Ciências Humanas e Sociais  
Faculdade da Cidade do Salvador  
manuelaacarvalho@hotmail.com

**Luciana Aparecida de Miranda**

Mestre Multidisciplinar de Ciências Humanas e Sociais  
Faculdade da Cidade do Salvador  
lucianaamiranda@hotmail.com

**Recebido em:** 11/06/2015

**Aprovado em:** 21/01/2015

**RESUMO:** No texto apresentado teve-se como objetivo analisar o carnaval enquanto espaço de liberdade para indivíduos que se reconhecem enquanto pertencentes a sexualidades não heteronormativas. Partindo primeiro da história da festa carnavalesca em relação à sensação de liberdade ensejada por ela e da análise do carnaval de Salvador enquanto essa festa da liberdade, visando verificar se essa sensação foi ou é vigente e se foi ou a é para todos, tendo como especificidade a análise do carnaval para indivíduos de sexualidade não heteronormativa. Por entender que a festa, enquanto um dos mais significativos elementos culturais, representa um macrocampo social, uma possibilidade de leitura de determinados aspectos sociais, funcionando como uma alternativa de análise desses aspectos. O texto é um recorte temático de uma pesquisa desenvolvida em nível de mestrado, utilizando-se o aporte teórico e metodológico desenvolvido na pesquisa e aprofundado nas discussões do grupo de pesquisa em que ela foi discutida muitas vezes. A partir da investigação bibliográfica realizada e das observações feitas no lócus da pesquisa nos anos de 2011 e 2012, foi possível perceber que a liberdade ensejada e proclamada no festejo da capital baiana perpassa por linhas tênues para sujeitos que rompem a fronteira socialmente imposta dos padrões de identidade de gênero e de sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carnaval, liberdade, sexualidades não heteronormativas.

**ABSTRACT:** The above text had as objective to analyze the carnival as an area of freedom for individuals who recognize themselves as belonging to not heteronormative sexualities. Starting first in the carnival party's history in relation to the sense of freedom occasioned by it and the Salvador Carnival analysis as the party of freedom, aiming at checking whether this feeling was or is effective and if it was or is for everyone, with the specificity carnival analysis for non-standard sexuality of individuals. Considering that the party, as one of the most significant cultural elements, is a social macrofield a readability of certain social aspects, functioning as an alternative analysis of these aspects. The text is a thematic focus of a research developed at the master's

level, using the theoretical and methodological approach developed in the research and in-depth research group discussions in which it was discussed many times. From the bibliographic research carried out and observations made in the locus of research in the years 2011 and 2012, it was revealed that freedom occasioned and proclaimed in the celebration of Salvador permeates faint lines for subjects that break the boundary socially imposed standards of gender identity and sexuality.

**KEYWORDS:** Carnival, freedom, heteronormative sexualities not.

## Introdução

O carnaval, ao longo dos séculos de sua existência, é marcado na história ocidental como uma das festas mais comentadas e aguardadas pela população. Era (e, em certa instância ainda o é) nesse momento do ano que as pessoas podiam misturar-se umas às outras, utilizar-se da “atmosfera carnavalesca” e das fantasias para promover atos que sem elas não o fariam, exagerar o contexto da realidade cotidiana ou, quem sabe, alterá-la momentaneamente, pela sensação de liberdade vigente na festa.

Neste trabalho, a liberdade é vista como um conceito filosófico, uma “dessubmissão”, conceito aqui adaptado à dinâmica da festa, de ampliação das condições de expressão humana, de trânsito entre seus espaços e de comportamentos e atitudes livres do jugo e proibição do outro. Além dessa noção de liberdade da e na festa, analisamos como essa festa se apresenta a foliões que se identificam como indivíduos pertencentes a sexualidades dissidentes, ou seja, diferentes do que dita a norma social heterossexualizante e com padrões sociais vigentes das identidades de gênero.

Sabe-se que as festas são importantes elementos culturais, que concentram em sua dinâmica a possibilidade de as pessoas entenderem sua representação social no grupo, não só na festa, como na vida diária. E uma das mais importantes festas da cultura brasileira é o carnaval, que tem características peculiares, como ser uma festa entendida como “da liberdade”, uma festa que acontece na rua, no espaço público, portanto, aberta à participação de quaisquer pessoas.

No entanto, ao longo dos anos muitas mudanças aconteceram nas formas de se “carnavalizar”, não só no Brasil, mas no mundo. Em nosso país, essa característica teve desdobramentos diferentes em diversas regiões, alterando por diversas vezes a “liberdade carnavalesca”. Em Salvador, ao longo dos anos, o espaço e a liberdade também foram modificados sobremaneira.

Trataremos aqui de alguns dos momentos mais marcantes para as modificações na dinâmica dessa liberdade, serão analisadas a noção de liberdade disseminada e ensinada no

carnaval e como se dá a participação de indivíduos de sexualidade e identidade de gênero dissidentes no carnaval de Salvador. Entre esses, compreendem-se aqui todos aqueles que não se reconhecem nos padrões regidos pela heteronormatividade, padrões que, segundo esse conceito, vão além da instituição de normas para o desejo (que deve ser pelo sexo “oposto”), mas por comportamentos, vestimentas e papéis de gênero classificados como de um ou outro sexo, por exemplo.

Todas as discussões e resultados apresentados são provenientes da investigação bibliográfica e das observações feitas nos anos de 2011 e 2012 no carnaval da capital baiana, realizados nos estudos do mestrado ao qual as autoras faziam parte, refletindo o que foi coletado ao longo desses estudos e discussões junto ao grupo de pesquisas e de suas análises.

Foram privilegiados os momentos históricos em que há informações na literatura da área acerca da mudança na concepção de liberdade da festa, contextualizando a origem do festejo, tal como é conhecido e reconhecido enquanto carnaval no Ocidente, e os momentos em que houve alterações na percepção da liberdade da festa no Brasil e, particularmente, em Salvador, focando na sensação para o público de interesse, os sujeitos que representam sexualidades e/ou identidades de gênero não heteronormativas.

### **Carnaval e a origem de sua história de liberdade**

O Carnaval, como uma das maiores festividades da cultura ocidental, é formado em suas manifestações e reconhecido pela expressão da sensação de liberdade para “se fazer” e “ser” o que se quer em seus dias festivos. Ou seja, a ideia que se tem é de que se é livre para determinados atos e simulações que em dias comuns não se é permitido.

Para alguns teóricos, “o carnaval é a inversão do mundo. É o mecanismo de liberação provisória das formalidades controladas pelo estado e pelo governo”<sup>1</sup>. Seria um tempo suspenso das atividades rotineiras para dar vazão às tensões e pressões diárias, um tempo de liberdade dessas atividades. Para outros, apesar de reconhecerem a mudança na dinâmica instaurada pelo carnaval, as manifestações, na verdade, não suspendem o tempo rotineiro, mas o extrapolam, representando um exagero das condições diárias<sup>2</sup>, que é uma forma de lidar com essa rotina. Outra corrente dos estudos de festa acredita ainda que as festividades, de forma geral, que contam com essas noções de espaço público e de liberdade, servem à manutenção da rotina<sup>3</sup>, a

---

<sup>1</sup> DA MATTA, Roberto. *Universo do carnaval: imagens e reflexões*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1981, p. 52.

<sup>2</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.

<sup>3</sup> DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins

modificam no momento em que acontecem, mas a mantêm à medida que fazem os sujeitos perceberem na festa a recompensa pelo dia a dia, convertendo a inversão em ordem para continuar vivendo.

Em parte, essa noção de liberdade vem justamente do espaço em que a festa acontece. Por ter a rua como seu local, o carnaval sai da dimensão particular da casa e vai para a dimensão do público, a rua<sup>4</sup>. Um aspecto que pode servir para reforçar a noção de simulação, já que no contato com “estranhos”, aqueles de contatos esporádicos nas ruas, simular sem ser descoberto é mais possível que no espaço de casa, com aqueles, que, em tese, te conhecem. Assim, na rua, aparentemente se é livre para ser o que quiser.

Outra característica marcante da folia carnavalesca que remete a esta sensação de liberdade é a fartura que as festas em si ensejam. Nas festas ultrapassam-se os limites<sup>5</sup>, come-se mais, bebe-se mais e brinca-se mais. Por isso, é permitido socialmente que as pessoas assumam comportamentos estereotipados e vestimentas exageradas às regras da lógica rotineira, travistam-se dos mais variados personagens, “sejam outros” e tomem outras atitudes que no dia a dia não lhes é permitido.

Observando essa característica em uma das maiores festividades que aconteciam na rua, por volta do século XI, em Roma, as lideranças da Igreja Católica decidiram normatizar algumas características do festejo. Por identificar que, no período que antecedia a Quaresma, a população “preparava-se” para o período de restrições e sacrifício que a festa católica exige, fazendo toda sorte de extravagâncias, as lideranças da religião em Roma decidiram implantar um calendário para a festa realizada pelo povo, instituindo quando ela deveria começar e terminar, e dar nome à ela. Assim, foram instituídos três dias (domingo, segunda e terça-feira) e chamaram-na de *carnevale*, festa do “adeus à carne”<sup>6</sup>. Era a primeira notificação histórica da tentativa de “limitação” da liberdade carnavalesca.

Ao aceitar o período do “adeus à carne” como um momento de relaxamento das pressões diárias, ela [a Igreja] estaria demonstrando uma espécie de “boa vontade” com as tensões populares, podendo com isso condenar com mais rigor todos os outros excessos anuais.<sup>7</sup> (*grifo nosso*).

---

Fontes, 1996.

<sup>4</sup> DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

<sup>5</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*.

<sup>6</sup> FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*.

Com a festa “batizada” e delimitada em seu tempo, parecia mais fácil à Igreja exercer certo domínio sobre os que festejavam, pois estes estariam novamente cumprindo suas regras, acreditando que a Igreja, ao conceder-lhes alguns dias para a “festividade dos excessos”, os estava liberando e, inclusive, perdoando<sup>8</sup>, o que rendia a eles certa carga de “dívida” para com a instituição religiosa, a ser paga nos outros dias do ano, sob o jugo das regras católicas.

### **Carnaval e sua história de liberdade no Brasil**

No Brasil, as formas de festejar o carnaval vieram sobretudo das influências europeias, mas encontraram aqui mesclas de festejos das culturas que compunham a população local, as diferentes etnias, com suas festas e formas de conduzir suas manifestações.

Uma das peculiaridades mais marcantes da folia teve no Brasil, desde o princípio, terreno fértil, os “acertos de contas”, muito provavelmente pela grande diferença que acompanha a formação social de seus habitantes. Esses “acertos de contas” poderiam ser entre indivíduos particulares dentro da mesma classe ou não, ou entre classes. Assim, por vezes, o espaço da festa foi utilizado para que as diferenças surgidas ao longo do ano pudessem ser acertadas, sobretudo nos períodos em que a utilização de fantasias e, principalmente, de máscaras, era frequente, pela impossibilidade de reconhecimento instantâneo do sujeito que as indumentárias propunham.

Por conta da sensação de liberdade, disseminava-se a ideia de que muitos conflitos plantados na rotina da vida diária poderiam ser “resolvidos” durante os dias de festa, o que acabou por dar ao carnaval a impressão de perigo. O que fez com que as entidades governamentais e de controle social, como a polícia, tomassem atitudes para conter os foliões e suas manifestações, como a proibição da utilização de máscaras.<sup>9</sup> Um período marcante para a dinâmica da liberdade ensejada pela festa.

Além disso, essa sensação de liberdade e de “justiça” para com os problemas da rotina dava aos marginalizados a possibilidade de satirizar aqueles que os marginalizavam, o que não agradava as classes abastadas.

Ao longo de todo o período colonial, o carnaval permaneceu como uma festa particularmente para as classes mais pobres. Escravos e libertos, negros e mulatos, todos celebravam o feriado desfilando pelas ruas, imitando e satirizando as roupas, os gestos e as afetações da elite.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> CARVALHO, Manuela A. *Desenbos do ser: espaço e representação de homossexuais no carnaval de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade/ Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

<sup>9</sup> Para mais informações ver: QUEIROZ, Maria I. P. de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999

<sup>10</sup> GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora

Assim, tanto em outros países quanto no Brasil, o carnaval passou por um processo de “diferenciação de locais e públicos”. No Brasil, especificamente, à medida que mais e mais pessoas apossavam-se das ruas para festejar livremente, com suas fantasias, brincadeiras e acertos de contas, inclusive satirizando as classes dominantes, essas classes iam se afastando dos locais em que tradicionalmente o festejo era realizado, as ruas<sup>11</sup>, importando de outras culturas, sobretudo europeias, seu modo de brincar o carnaval, lá já bastante modificado, concentrando-se em espaços fechados. Assim, a liberdade do espaço público foi dando espaço às dimensões do espaço privado, importante elemento de diferenciação da dinâmica de liberdade que compunha a “atmosfera” da festa. Iniciou-se, então, a tradição dos bailes no Brasil à moda dos bailes franceses.

Com a liberação dos escravizados, as tensões, satirizações e “acertos de contas” aumentam, bem como o número de participantes.<sup>12</sup> E como forma de combate às manifestações populares, que nessa época, final do século XIX e início do XX, eram já enormes em quantidade e participação das camadas menos favorecidas financeiramente, as classes dominantes difundem as festas organizadas em grandes salões fechados, reservados e, obviamente, caros, alguns inclusive inacessíveis sem prévio convite, mesmo que se pudesse pagar por eles.<sup>13</sup>

A essa altura, nas ruas, as fantasias e atitudes eram já bastante vigiadas pela polícia, o que limitava a forma de brincar dos participantes.<sup>14</sup> Nos bailes, as fantasias e a dinâmica eram completamente diferentes. Se nas ruas imperava o escárnio, a sátira, a estereotipia e o exagero, lá, as fantasias tendiam a ser luxuosas, o exagero era voltado à competição financeira e de representação de poder, além do controle comportamental que indivíduos das classes dominantes, mesmo em festa, precisavam manter, principalmente num espaço privativo, perdendo a dimensão de liberdade proclamada na folia.

Para expandir seu modo de festejar e tentar dirimir os festejos nas ruas cada vez mais, representantes das classes dominantes impulsionam a imprensa a divulgar os conflitos ocorridos nos festejos na rua e pressionam a polícia a manter a ordem pública.<sup>15</sup> Com todos os relatos,

---

UNESP, 2000, p. 338.

<sup>11</sup> TEIXEIRA, Cid. “Carnaval entre as duas guerras”. In: CERQUEIRA, Nelson (et al). *Carnaval da Bahia*: um registro estético. Salvador: Omar G., 2002, p. 42 – 59.

<sup>12</sup> ALMEIDA, Luiz Sávio et al (org.). *O negro e a construção do Carnaval no Nordeste*. Maceió: EDUFAL, 1996.

<sup>13</sup> QUEIROZ. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*.

<sup>14</sup> \_\_\_\_\_. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*.

<sup>15</sup> De acordo com pesquisas feitas por Rodrigues (1982), Miguez (1996) e Lazzari (2001). RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.; MIGUEZ, Paulo. “A cor da festa: cooptação e resistência: espaços

neste período, até mesmo as classes menos favorecidas tendem a se retirar das ruas e organizar seus próprios festejos em casa, visto não possuírem condições para festejar nos bailes fechados, ou a frequentar bailes mais baratos.<sup>16</sup> Certamente, havia ainda grupos que festejam nas ruas, mas eram em número bastante reduzido. Confinada a espaços particulares, a festa perdia parte de suas características. O caráter de liberdade de suas manifestações diminuía gradativamente.

No entanto, no Rio de Janeiro, principal representação nacional do modelo de carnaval, como as classes populares haviam já se apossado das ruas, não houve alternativa a não ser conceder-lhes normativamente o espaço.<sup>17</sup> Mesma estratégia utilizada pela instituição católica nas origens carnavalescas. De posse da liberação, esses populares passaram a organizar suas saídas às ruas, criando “espaços” diferenciados, as escolas de samba. Estariam todos nas ruas, mas não misturados. Essa ideia de se ter de volta densamente o espaço das ruas para as manifestações da folia carnavalesca parece trazer a sensação de liberdade outrora ensejada, mas com a divisão dos participantes em “escolas”, alas, o que parecia liberdade, foi tolhido.

Nesta mesma época, início do século XX, além dessa “abertura étnica” à festa, ocorreu uma espécie de sensação de “liberalidade sexual”, após a chegada da tendência francesa de incorporação de toda sorte de desregramentos sexuais aos festejos carnavalescos.<sup>18</sup> Era comum a ideia de traição, prostituição e maior exibição dos corpos, sobretudo femininos, na época da festa. Porém, é preciso salientar que esse comportamento, apesar de liberar costumes, de funcionar como uma liberação dos corpos femininos, tão “vestidos” e dogmatizados, tanto antes como em tempos mais atuais, pode servir à reiteração de preconceitos.<sup>19</sup> Embora no Brasil essa tendência de “liberdade sexual” fosse fortemente verificada e inclusive transmitida ao mundo, principalmente pelas figuras de mulheres seminuas e de pessoas cujas identidades de gênero e sexual divergiam dos padrões instituídos, ela ocorria somente no carnaval e com restrições:

A presença deles durante as festividades carnavalescas reforça a imagem do Brasil como um paraíso para renegados sexuais e transgressores dos papéis de gênero convencionais. Essa ideia unilateral obscurece o fato de que durante grande parte do século XX, manifestações públicas ousadas de inversão de gênero eram temporárias e restritas ao momento da folia. “Jurema”, um jovem

---

de construção da cidadania negra no Carnaval Baiano”. In ALMEIDA, Luiz Sávio et al (Org.). *O negro e a construção do Carnaval no Nordeste*. Maceió: EDUFAL, 1996, p. 63-73.; LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer*. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915). São Paulo: Editora UNICAMP, 2001.

<sup>16</sup> QUEIROZ. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*.

<sup>17</sup> QUEIROZ. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*.

<sup>18</sup> FERREIRA, Felipe. “Rio de Janeiro: carnaval e sexualidade”. In: 20º ANPAP – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS, 2011. *Anais 20º Encontro Nacional de Artes Plásticas*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011, p. 1726-1736.

<sup>19</sup> Hipótese sugerida por: FERREIRA. “Rio de Janeiro: carnaval e sexualidade”.

funcionário de escritório que vivia em São Paulo nos anos 30, descobriu essa dura verdade quando decidiu experimentar roupas de mulher em público. Como fez isso fora da época de carnaval, a polícia o prendeu.

[...] Embora um comportamento mais transgressivo fosse permitido durante o carnaval, isso representava apenas três ou quatro dias por ano. Nos 362 dias restantes, a pessoa tinha de se manter no limite estabelecido pela sociedade, especialmente os limites de gênero, ou sofrer as consequências.<sup>20</sup>

O relato da história de Jurema reforça a ideia de permissividade na folia carnavalesca, do discurso de liberdade ensejado na festa, mas não de liberalidade sexual, como a ideia que se quis transmitir ao mundo nas primeiras décadas do século XX, do Brasil como esse país aberto à diversidade sexual. Entretanto, sabe-se que, até mesmo no carnaval, essa abertura à transgressão dos papéis de gênero é relativa, legada, por exemplo, a espaços determinados.

No mesmo passo da capital brasileira caminhava a festividade em muitas outras cidades, como Salvador. Na capital baiana o surgimento e desfile das escolas de sambas também inundavam as ruas, as fantasias também encurtavam e a “atmosfera” de sexualidade livre já se verificava latente. A essa altura, a festa já era denominada “Carnaval Popular”. Os ditos “populares” reconquistavam pouco a pouco o espaço público, embora muitos grupos ainda sofressem perseguições policiais e fossem legados aos subúrbios. Aceitar, por exemplo, grupos formados por negros, mestiços e *gays*, organizados de acordo com as estruturas da elite branca e heterossexista, não representava uma abertura às diversidades na festa, era feito no intuito de civilizar a participação desses “diversos” à norma. No entanto, grupos menores e “menos organizados” continuavam a ser perseguidos em todo o país.

Do mesmo modo, na capital baiana, os festejos pareciam ocorrer novamente de forma “liberta”, com a “participação de todos”, retomando uma das principais características do carnaval, a liberdade para ser o que quiser e fazer o que se quer. Um dos impulsionadores dessa sensação foi o que ficou conhecido depois como “trio elétrico”, pois ele corroborou esse pensamento de participação democrática, já que em seu entorno agregavam-se muitas pessoas, de diversas classes sociais e fantasiadas à sua escolha.<sup>21</sup>

A noção de liberdade novamente no carnaval baiano era tão latente que estudiosos da época, meados do século XX, afirmavam que o trio elétrico tinha levado essa liberdade às ruas de

---

<sup>20</sup> GREEN. *Além do carnaval*, 2000, p. 331.

<sup>21</sup> MIGUEZ, Paulo. “A cor da festa: cooptação e resistência: espaços de construção da cidadania negra no Carnaval Baiano”. In: ALMEIDA, Luiz Sávio et al (Org.). *O negro e a construção do Carnaval no Nordeste*. Maceió: EDUFAL, 1996, p. 63 – 73.

novo: “Atrás do trio elétrico instaurou-se uma espécie de zona liberada, território livre”<sup>22</sup>, criando um tipo de atmosfera mística em torno da invenção. O discurso da liberdade carnavalesca estava preservado e isso atraía pessoas não só da cidade, mas de várias partes do mundo.

Passados alguns anos desde a criação do trio elétrico, no entanto, parte da dinâmica de liberdade deu lugar à dinâmica de capital. Muitas empresas passaram a explorar a repercussão do trio, que já não era mais um veículo, mas alguns. Na década de 1970, o crescimento era tão grande que já havia verdadeiras organizações empresariais em torno do trio<sup>23</sup>, com disputas por espaço e horários de desfile nas ruas, era época de lucrar com a festa.

Assim, os abadá e a consequente cobrança por eles não demoraram a vir. As empresas tinham já uma organização inicial, um público e um produto, o espaço.<sup>24</sup> Com a venda dos abadá, além da dimensão espacial que agora os “associados” dos determinados blocos de trios tinham que cumprir, limitando seu campo de diversão, havia a limitação das fantasias, já não se podia brincar o carnaval com a roupa que se escolhia para representar discursos, mas com o abadá. Foram, então, modificados imediatamente dois elementos importantes para a sensação de liberdade carnavalesca, a vestimenta e o espaço.

Vale salientar, no entanto, que o abadá constituía-se e ainda se constitui como uma “escolha” do folião. Certamente os gostos musicais e, sobretudo, os imperativos sociais atuam na hora de exercer essa escolha e realizar a compra do abadá de determinado bloco. As pessoas que possuem maiores condições financeiras tendem a comprar os blocos mais caros, que, por sua vez, são vendidos com preços elevados justamente para atrair apenas ou em grande parte este público, que pode pagar por seus serviços, criando um “ambiente” entre os “seus”, entre os “comuns de classe”. Os blocos menos caros vendem para estes a ideia de um espaço menos privilegiado e de contato com as classes menos favorecidas, no entanto, para essas classes, a diversão, muitas vezes, está justamente nesses blocos. Com tanta “segregação”, não é difícil imaginar que esses blocos eram organizados para indivíduos de lógicas padronizadas, não se tinha, por exemplo, nenhum bloco aberto oficialmente à diversidade sexual, muito menos, configurando-se como um “gueto” para os que assim se autorrepresentassem.

É importante frisar também que o que o bloco vende é justamente essa atmosfera, esse

---

<sup>22</sup> RISÉRIO, Antônio. *Carnaval Ijexá*. Salvador: Corrupio, 1981, p. 113.

<sup>23</sup> MOURA, Milton. “O carnaval de Salvador no final do século XX”. In: CERQUEIRA. *Carnaval da Bahia*, p. 124 - 153.

<sup>24</sup> Ver reflexão feita por Filgueiras, no texto “Capitalismo no Carnaval de Salvador: o trabalho precário dos cordeiros”. Apresentado no III Seminário Políticas Sociais e Cidadania, em 2010, em Salvador.

ambiente, esse espaço<sup>25</sup> de reconhecimento e representação, não propriamente a música, como se faz pensar, afinal, fora das delimitações dos blocos, postas apenas por cordas sustentadas por funcionários chamados de “cordeiros”, a música ainda pode ser ouvida, e ela está disseminada no espaço público das ruas.

Assim, a ideia com que iniciamos esta seção, de que a rua por si só ensejaria uma noção de liberdade, parece não exatamente se configurar nestes moldes no carnaval soteropolitano. O produto cultural que se tornou a festa carnavalesca criada pelo povo para extravasar suas tensões e como momento de lazer e preparo para o resto do ano vigiado, com direito a fantasias e acesso, encontra barreiras nas dimensões empresariais e nos imperativos sociais, que demarcam bons e maus blocos, não permitindo irrestritamente a participação de todos que possam julgar os maus blocos como bons, nem os bons blocos como maus, é preciso manter os padrões.

Mas preservaram-se ainda espaços diferenciados no carnaval soteropolitano, como os blocos de afoxés, com os desfiles de elementos das culturas de matrizes africanas, realizados por quem participa das associações ao longo do ano, e que podem ser assistidos por qualquer pessoa; os trios sem cordas, atualmente em expansão por programas governamentais locais, em que trios são disponibilizados nas ruas, sem a necessidade da delimitação por cordas nem da utilização de abadás; o bloco “Mudança do Garcia”, sem cordas e com bandas de sopro, cujas pessoas desfilam com fantasias e/ou cartazes de críticas sociais, geralmente endereçadas ao governo; e o bloco “Os mascarados”, que embora possua cordas não restringe a participação de foliões, em que boa parte utiliza fantasias e se reconhecem enquanto sujeitos com identidades de gênero ou “sexualidades dissidentes”<sup>26</sup>, divergentes do que foi padronizado. Além dessas possibilidades, há os foliões que acompanham os blocos do lado de fora das cordas ou que ficam em determinados locais das ruas vendo-os passar, são os chamados foliões “pipoca”.

Entre os espaços carnavalescos analisados na pesquisa nos anos de 2011 e 2012, no tocante à congregação de foliões divergentes dos padrões de sexualidade e identidade de gênero, o bloco “Os mascarados” foi o único com grande concentração desse público abertamente, não oficialmente, mas cuja identificação do espaço, como de possível liberdade a ele, era declarada e reconhecida pelos foliões.

---

<sup>25</sup> FILGUEIRAS, Vítor Araújo. Capitalismo no Carnaval de Salvador: o trabalho precário dos cordeiros. In: *III Seminário Políticas Sociais e Cidadania*, 3, 2010, Salvador. Anais III Seminário Políticas Sociais e Cidadania. Salvador: UCSAL, 2010, p. 1-9.

<sup>26</sup> RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (org.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad feminina*. Madrid: Revolución Madrid, 1989, p.113-190.

### **Carnaval, gênero e sexualidade: a festa como meio de ser**

Bem como a ideia de liberdade ensejada pela festa carnavalesca para o espaço público e para as sátiras sociais, o “ser o que se quer” não se restringe no carnaval apenas a críticas de classe ou ao que se almeja ser, mas inclusive à exteriorização de comportamentos associados a papéis de gênero e à sexualidade e a transgressão de suas fronteiras.

É comum ver, no carnaval, grupos de homens travestidos de mulheres. Ou seja, quebrando uma barreira na liminaridade entre os gêneros. Numa sociedade eminentemente dominada por discursos machistas, em que a divisão e o enquadramento de gênero é latente, não é “legítimo” ao homem ter comportamentos ou utilizar adornos atribuídos socialmente a mulheres. No carnaval, porém, com a ideia de suspensão do tempo, da rotina ou de se ter liberdade para se ser ou fazer o que se quiser, esse comportamento não é mal visto, pelo contrário, é legítimo se brincar assim nos dias festivos.

Em Salvador, o primeiro registro que se tem notícia de bloco carnavalesco com a proposta de se ter homens travestidos de personagens que remetessem à delicadeza, tal qual se associa à mulher, mas não propriamente vestidos com adornos femininos, foi feito na década de 1940. Este bloco era o “Maria Rosa”<sup>27</sup>, entidade formada por rapazes do clube de remo Santa Cruz, “vestidos como crianças de jardim de infância, cheios de lacinhos e pulseirinhas, que contrastavam com seus muques bem malhados”<sup>28</sup>.

Embora este bloco não tenha sido associado a um bloco de diversidade sexual, ajudou a impulsionar a criação de mais e mais blocos com a proposta da travestilidade. Após o “Maria Rosa”, verificou-se em Salvador a participação de diversos grupos menores semelhantes a ele, inclusive grupos de travestidos pobres que desfilavam na Baixa dos Sapateiros (região localizada no centro da cidade), compostos por muitos homossexuais.<sup>29</sup> Segundo dados coletados na literatura, esse era um dos poucos espaços na época reconhecidos como de concentração desse público. Tais blocos marginalizados, juntamente com blocos de outras temáticas, começam a invadir as ruas consagradas às sociedades carnavalescas da época.

Entretanto, como já inicialmente discutido, o fato de ter blocos ou grupos de indivíduos não heterossexuais desfilando nas ruas no carnaval, não quer dizer que durante o período carnavalesco é pregada a liberdade sexual, que as discriminações são suspensas ao menos nesses

---

<sup>27</sup> GODI, Antônio J. V. dos Santos. Presença afro-carnavalesca soteropolitana. In: CERQUEIRA. *Carnaval da Bahia*, p. 94-111.

<sup>28</sup> VIANNA, Hildegardes. As fantasias dos velhos tempos. In: CERQUEIRA. *Carnaval da Bahia*, p. 40.

<sup>29</sup> \_\_\_\_\_. As fantasias dos velhos tempos. In: CERQUEIRA. *Carnaval da Bahia*, p. 41.

dias.

Há relatos de grupos de sujeitos identificados enquanto de identidades de gênero e sexualidade divergentes do padrão na Praça Castro Alves, décadas depois, por volta de 1970 e 1980, período em que a Praça era considerada centro da festividade. Esses relatos dão conta de que era possível verificar a concentração de muitos foliões homossexuais masculinos e travestis, sendo o espaço ainda mais disseminado na década de 1980, com a organização por parte do Grupo Gay da Bahia (GGB) de desfiles de travestis no Palácio dos Esportes, localizado também na Praça Castro Alves.<sup>30</sup> A presença do movimento gay dá maior legibilidade à luta por espaço na festa e maior visibilidade a seu público, ampliando a sensação de liberdade nos espaços organizados por suas ações. No entanto, com a ampliação do espaço da festa, com a criação do circuito Barra/ Ondina e do Pelourinho, a folia carnavalesca perdeu força no centro da cidade, muitos artistas que comandavam a folia migraram para o novo circuito, levando muitos foliões, o que fez com esse público também migrasse e necessitasse agora da conquista de um novo espaço.

Embora se tenha apregoado a ideia de que no carnaval a liberdade impera, sem distinção, pela própria origem da festa e pela maneira como ela é comemorada por boa parte de seus foliões, parecia haver, ao menos até o ano em que as observações da pesquisa foram finalizadas, 2012, a necessidade de um “ambiente” para tal expressão da liberdade. Como exemplo de tempos mais recentes dessa necessidade no carnaval, temos o relato de uma situação ocorrida em manifestação semelhante, na cidade do Rio de Janeiro, em que houve um flagrante de uma cena que corrobora a ideia aqui apresentada:

Em 1999, dois rapazes estavam se beijando no meio da Banda, o que não é surpreendente; esses rapazes, num determinado momento, saíram pela rua Prudente de Moraes e eu os acompanhei. Uns cinquenta metros adiante, não mais do que isso, os meninos pararam, encostaram-se num carro e continuaram se beijando. Quatro outros rapazes, bem vestidos, com roupas de marca conhecida, brancos e aparentemente habitantes da zona sul viram os primeiros rapazes se beijando e os atacaram violentamente [...]. Tinham acabado de se conhecer, começaram a se beijar na Banda e preferiram sair da agitação da rua Joana Angélica para melhor se conhecer. Um deles estava ensanguentado e o outro só pensava no amigo [...], chamado Lúcio (pseudônimo). Lúcio, ao saber do ocorrido, disse: “Mas, pra que é que você tinha que fazer ‘pegação’ fora da

---

<sup>30</sup> CAMPOS, Márcio Correia. De muquiranas, piratas e marinheiros a gays: o espaço homossexual dentro do carnaval de Salvador nos últimos 25 anos.

Disponível em: <<http://politicadocus.com/index.php/downloads/category/1-artigos?download=56:demos-adeuas-festas-a-la-tim-maia&start=40>.>

Acesso em: 20 jan. 2013.

Banda? Aqui fora não é da gente, você tinha que estar lá dentro!”.<sup>31</sup>

O relato e, sobretudo, a fala de Lúcio provam que, de fato, não se pode afirmar que, como um todo, o carnaval constitui-se como uma suspensão da rotina, como um momento de se fazer o que se quer e principalmente como um período de liberdade sexual. Pelo menos não para grupos marginalizados e sobrepujados, como os de sexualidades dissidentes. Talvez, em certo sentido, seja realmente, a folia carnavalesca, uma possibilidade de exagero da rotina, de aparente concessão de liberdade, mas de real reafirmação de condições, funcionando na prática mais como um discurso de liberdade da folia do que propriamente como essa atmosfera do “tudo pode”.

Atualmente na capital baiana um dos poucos espaços voltados às manifestações de foliões cujas identidades de gênero e sexualidade não correspondem à lógica binária (masculino/feminino) heteronormativa está na concentração e desfile do bloco “Os mascarados” e na posterior concentração de seus foliões em determinado local de uma das avenidas da folia. Este bloco surgiu em 2000, após o sucesso feito no ano anterior, a partir do desfile de convidados da Prefeitura Municipal da cidade, para um bloco especial, de comemoração aos 450 anos de Salvador.<sup>32</sup>

“Os mascarados”, assim como os demais blocos vigentes surgiu com a prerrogativa da cobrança de abadás, mas trazia uma proposta diferenciada, da utilização de fantasias, primeiro definidas e entregues pela própria organização da entidade, depois à escolha do participante.

Oficialmente o bloco nunca se declarou como espaço da diversidade sexual, mas sempre foi um ambiente que agradou os foliões de sexualidades dissidentes. Com a abertura para a participação de mais foliões, em 2008, a partir da exclusão da cobrança pelo espaço, o bloco ganhou a aderência de mais e mais foliões, a maioria fantasiada, apesar de a fantasia não se constituir mais como uma exigência.

Em “Os mascarados”, especificamente, parece que as representações sociais são construídas a partir do agrupamento de pessoas que, em grande maioria, vivem em situações marginalizadas por conta de sua orientação sexual ou identidade de gênero. A partir da participação segura no bloco (visto a proteção do espaço dividido pelas cordas), essa diversidade

---

<sup>31</sup> GONTIJO, Fabiano. Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania. In: RIOS, Luís Felipe. *Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

<sup>32</sup> Ver história do bloco em: MENEZES, Margareth. *Trio elétrico/ ano 99*. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/margarethemenezes/carnaval99.htm>> Acesso em: 12 dez. 2011.

se faz representar frente à “estrutura”, a heterossexualidade e a normatividade da definição dos papéis e identidades de gênero enquanto algo biológico, não social, o padronizado. Ter esse espaço como possibilidade de participação na festa e como possibilidade de se mostrar socialmente enquanto sujeito que se identifica com uma sexualidade classificada como não heteronormativa é importante, pois, a relação entre espaço e movimentos sociais “é, ao mesmo tempo, a condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; um convite à ação”<sup>33</sup>. “É através da ação de sujeitos sociais agindo no espaço público que é comum a todos, que a esfera pública aparece como o lugar em que uma comunidade pode desenvolver e sustentar *saberes* sobre si própria – ou seja, representações sociais”<sup>34</sup>. Esse tipo de experiência que, embora seja vivenciada por cada indivíduo, produz um sentido comum aos que partilham de um determinado espaço que a permite, funcionando como uma experiência coletiva, aquela que transcende a sensibilidade individual, reforçando a identidade de grupo.

Os foliões entrevistados do bloco (vinte e dois foliões), sobretudo no ano de 2012, quando indagados acerca de suas experiências no carnaval e da indumentária escolhida para a festa, como forma de expressar o que intentavam ser naquele espaço<sup>35</sup>, alegaram dois motivos: a “sensação de liberdade” e o “acesso” ao espaço, visto o bloco ser gratuito. Muitos participantes em seus relatos corroboraram o que foi percebido nas leituras, de que fora daquele espaço partilhado entre pessoas de identidades de gênero e sexualidade dissidentes, mesmo no carnaval, não havia liberdade para sua diversão, ao menos não com sensação também de segurança, de não serem agredidos ou criticados por sua dissidência ao padronizado. Além disso, todos os foliões ouvidos disseram ter gostado da experiência no bloco e que pretendiam desfilar nele no ano seguinte, mostrando que a “atmosfera” correspondeu suas expectativas.

Junto com essa sensação de poder ser quem se quer ou se é, no bloco se experiencia em uma espécie de reivindicação que parece se adequar e se mesclar à folia carnavalesca, bem como ocorre em muitas festas de rua, grande parte dos sujeitos que se unem naquele espaço talvez não percebam e não tenham a intenção de reivindicar sua representação enquanto cidadãos, mas a expressão daquele contingente que troca carícias e que tem um espaço “seu” na festa, que através da força coletiva consegue se mostrar para a sociedade, cumpre esse papel, com efeitos tão ou

---

<sup>33</sup> SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 321

<sup>34</sup> GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 71.

<sup>35</sup> CARVALHO, Manuela A. *Desenhos do ser: espaço e representação de homossexuais no carnaval de Salvador*. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade/ Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana

mais impactantes, pois são ali vistos despidos das simulações sociais a que muitos precisam, vez ou outra, se submeter cotidianamente.

E essa representação e espaço de representação conquistados por esses foliões não se limitam à delimitação das cordas do bloco, mas à concentração dele e à posterior concentração de seus foliões após o desfile.

A concentração do bloco é feita no mesmo local que a concentração dos demais blocos, no início da fila de saídas de blocos, arrumados segundo a ordem de saída de cada um, este espaço serve à circulação dos foliões e aos “primeiros passos” da festa no espaço da rua. É o local em que muitas pessoas marcam encontros ou encontram-se ao acaso.

Em 2011 e 2012, pode-se perceber que a concentração posterior de foliões do bloco era feita num espaço chamado “Beco da Off”, uma rua estreita em que se localizava uma das mais famosas boates LGBTs da cidade. Nesta rua há bares, cuja clientela principal era representada por indivíduos das mais diversas sexualidades e identidades de gênero. Nos períodos carnavalescos, como fora observado em anos anteriores e, mais propriamente, nos anos de 2011 e 2012, pela crescente aderência das pessoas ao bloco, eram abertos outros bares e montadas outras estruturas de apoio, como lanchonetes e barracas de bebidas na rua transversal ao “Beco”, como é chamado por seus “habitantes”. Após o desfile de “Os mascarados” era comum que boa parte dos foliões voltasse o percurso para ficar nessas ruas, ou que aqueles que preferissem não seguir o bloco ficassem por ali durante a noite.

Porém, vale destacar que, apesar do crescente número de participantes no bloco, a concentração posterior, locada nas ruas descritas, sofreu interferências em sua estrutura, modificando o hábito dos participantes. Com a reforma da orla do bairro da Barra, a boate Off club foi um dos empreendimentos afetados, tendo ficado um longo período sem funcionar. Mesmo após a liberação da rua, a boate não voltou às atividades e os frequentadores foram se afastando do local. Hoje é possível ver um esvaziamento do público que antes enchia a rua Dias d'Ávila (Beco da Off) e a rua Marques de Leão (transversal) não só no dia de desfile de “Os mascarados”, mas também nos outros dias da festa.

Como não há registros atuais da localização desse público em um espaço pré-determinado para ele, mesmo que extraoficialmente, e que os limites da pesquisa abarcaram apenas os anos de 2011 e 2012, somente pode-se arriscar hipóteses acerca desse afastamento, acredita-se que ele pode ser proveniente da identificação de falta de necessidade de um gueto, devido à maior abertura social que se tem verificado atualmente, com o acirramento das

discussões promovidas pelos grupos de militância e suas conquistas, bem como pelo reconhecimento de alguns direitos sociais para esse público, como a autorização legal para o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de nome social para pessoas transexuais; ou, ainda, a possibilidade de esse público concentrar-se agora em outro bloco ainda não identificado.

### **Considerações finais**

A ideia de traçar o paralelo entre uma das principais características de um dos símbolos festivos mais importantes do mundo e no Brasil, a noção de liberdade, e a vivência de indivíduos cujas identidades de gênero e sexualidade não correspondem à lógica da heteronormatividade partiu da importância que uma festa tem no contexto de equilíbrio e demonstração da realidade, funcionando como um macrocampo social, ambiente propício a muitas análises, possibilitando a observação e reflexão de comportamentos e discursos sociais.

Vê-se que o carnaval enquanto espaço/tempo de liberdade que a sociedade se dá, uma festa vista como momento de “extravasar” e “se despir das prisões sociais cotidianas”, ao longo dos anos passou por mudanças significativas no decurso de sua história, mas que nunca se verificou nela uma liberação irrestrita, sobretudo para alguns.

Os grupos marginalizados sempre tiveram a possibilidade de sensação de liberdade tolhida em determinados espaços, inclusive quando se tentou supor que a restrição não existiria, como com a criação do trio elétrico, no contexto de Salvador, momentos que nos parecem ainda lacunas na história.

Entre esses grupos, está o grupo das diversidades de identidade de gênero e de sexualidade, que, embora o período carnavalesco enseje a ideia de plena liberdade e, inclusive, fortemente de liberdade sexual, supondo uma liberalidade também de demonstrações de inversão de papéis de gênero atribuídos socialmente, no dia a dia da festa isso não se verifica e há diversos exemplos de variadas épocas de que esse sempre foi um problema, uma barreira no reconhecimento do carnaval como festa da liberdade para grupos de indivíduos que se percebem enquanto pertencentes a sexualidades dissidentes da heterossexual.

Embora o carnaval da capital baiana tenha apresentado um espaço específico para essa “liberalidade” para esse grupo, as observações e análises mostraram que o simples fato de o espaço destinado ou apropriado pelo grupo, existir, torna o conceito de liberdade “problemático”, instaurando a dubiedade na sensação e noção de liberdade carnavalesca.